

REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

O que nos dizem os desenhos das crianças sobre a escola de Educação Infantil?

What do children's drawings tell us about Kindergarten?
¿Qué nos dicen los dibujos de los niños sobre la escuela de Educación Infantil?

Angelita Santa Rosa Baldani
Jacqueline Silva da Silva
Anne Heracléia de Brito e Silva
Iasmin Pozzebon

RESUMO

Este artigo decorre da pesquisa sobre “A representação do olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil”, e propõe analisar o olhar das crianças sobre a escola de Educação Infantil por meio dos seus desenhos. A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como sujeitos três professoras atuantes na Educação Infantil e 64 crianças entre 3 e 6 anos de idade. As análises decorrentes dos desenhos foram organizadas em três categorias e permitem constatar que os desenhos continuam sendo possibilidades lúdicas para conhecer e explorar os interesses e as necessidades das crianças. Os desenhos também são uma forma de participação transformadora no contexto onde as crianças estão inseridas.

Palavras-chave: desenho; educação infantil; participação.

ABSTRACT

This article stems from the research on “The representation of the child's view of the Early Childhood Education school”, and aims to analyze the children's view of the Early Childhood Education school through their drawings. The research, which took a qualitative approach, involved three teachers working in Early Childhood Education and 64 children between the ages of 3 and 6. The analyses derived from the drawings were organized into three categories and show that drawings continue to be playful possibilities for getting to know and exploring children's interests and needs. The drawings are also a form of transformative participation in the context in which the children live.

Keywords: drawing; early childhood education; participation.

RESUMEN

Este artículo procede de la investigación sobre «La representación de las opiniones de los niños sobre las escuelas infantiles», y tiene por objeto analizar las opiniones de los niños sobre las escuelas infantiles a través de sus dibujos. En la investigación, que adoptó un enfoque cualitativo, participaron tres maestras que trabajan en Educación Infantil y 64 niños de edades comprendidas entre los 3 y los 6 años. Los análisis derivados de los dibujos se organizaron en tres categorías y muestran que los dibujos siguen siendo posibilidades lúdicas para conocer y explorar los intereses y necesidades de los niños. Los dibujos son también una forma de participación transformadora del contexto en el que viven los niños.

Palabras-clave: diseño; educación infantil; participación.

Introdução

A escola de Educação Infantil é uma instituição que acolhe as crianças, sendo que, na maioria das vezes, é o primeiro ambiente delas, fora do seu convívio familiar; mas, para que de fato o acolhimento aconteça, é necessário que a escola esteja aberta para deixar de ser um lugar controlado pelos adultos e passe a ter a participação efetiva das crianças na organização do cotidiano escolar.

Pensando nisso, é relevante destacar que a participação deve ser uma ação que tenha sentido para a criança, que precisa se perceber como um sujeito ativo e levado em consideração, que sente que suas opiniões são reconhecidas como significativas nas tomadas de decisões. Assim, é importante possibilitar situações em que as crianças participem das decisões no cotidiano escolar, sendo ouvidas e tendo suas ideias acolhidas pelas professoras e colegas.

Para que a participação seja vivenciada na escola de Educação Infantil, é necessário que os professores desenvolvam uma escuta sensível e respeitosa da criança. O respeito ocorre ao escutar as crianças e buscar entendê-las com cuidado, observando suas falas, ideias e desejos, ou seja, acolhendo as diferentes formas das crianças socializarem seus pensamentos, culturas e lógicas de ver o mundo através dos desenhos, por exemplo.

E, nesse sentido, o papel do professor é muito importante porque ele pode intervir e incentivar a criança no decorrer do desenvolvimento de sua atividade, podendo não apenas apresentar informações, mas, também, conversar com a criança para lhe mostrar o melhor caminho para alcançar a aprendizagem. Dessa forma, reconhecemos a importância do professor, que

deve criar um ambiente apropriado, que possibilite à criança aprender a brincar em grupo, oferecendo, assim, um espaço onde ela possa desenvolver suas competências.

Diante do exposto, este artigo decorre da pesquisa desenvolvida acerca da “A representação do olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil”, subsidiada e desenvolvida pelas autoras. Partindo dessa perspectiva, destaca-se que o estudo teve como objetivo analisar o olhar das crianças sobre a escola de Educação Infantil por meio da análise dos seus desenhos. Assim, tendo como referência esse objetivo, apresentamos, na sequência, a organização do artigo. Nesta introdução, são trazidas a justificativa e o objetivo central da pesquisa. Em seguida, a segunda seção traz os caminhos metodológicos e, na sequência, são apresentadas as análises dos dados, partindo das categorias emergentes; e, por fim, as considerações finais.

Caminhos metodológicos

A pesquisa seguiu a abordagem qualitativa, que, segundo Prodanov e Freitas (2013), possibilita estudar o sujeito e suas conexões com o mundo, oportunizando uma dinamicidade ao investigar um fenômeno empiricamente.

Goldenberg (2000) esclarece que os dados qualitativos se constituem de descrições detalhadas de situações, compreendendo os indivíduos em seus próprios termos. Assim, esses dados não são padronizados como os dados quantitativos, fazendo com que o pesquisador tenha flexibilidade e criatividade no momento da coleta e da análise.

Entende-se que essa abordagem de pesquisa se aproxima melhor com o objeto deste estudo devido a proposta central estar relacionada com o objetivo de analisar o olhar das crianças acerca dos espaços da escola em que habitam e registrados por meio de desenhos.

Quanto ao tipo de pesquisa, fez-se uma aproximação com os pressupostos da pesquisa-ação, que permitem ao investigador uma interação direta com os participantes da pesquisa. De acordo com Thiollent (2011, p. 22-23), na pesquisa-ação,

há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver, ou, pelo menos, esclarecer os problemas da situação observada.

Diante do exposto, além da possibilidade de as pesquisadoras interagirem com as crianças, esse tipo de pesquisa também nos permitiu elucidar o problema que estava sendo investigado e, assim, ressignificarmos o contexto em estudo a respeito do que as crianças tinham a nos dizer sobre a escola de Educação Infantil em seus diversos segmentos.

Quanto aos instrumentos utilizados para a coleta das informações junto às crianças, as professoras, sujeitas da pesquisa, realizaram algumas ações de forma sistemática, como: rodas de conversa, passeios pelos espaços escolares e registros através de desenhos, filmagens e fotografias. As crianças da Turma C passearam e observaram as salas de aulas da escola; já as crianças das Turmas D1 e Turma E optaram por explorar outros espaços escolares, como o pátio, o bosque, o refeitório, os banheiros, a biblioteca, os corredores e suas salas de aula.

Como tudo foi documentado via fotografias e filmagens pelas professoras e crianças, esses materiais foram utilizados como disparadores nas rodas de conversa realizadas. Foram momentos em que as professoras e as crianças refletiram e discutiram sobre a organização dos espaços escolares, e, posteriormente, as crianças expressaram como elas gostariam que fossem esses espaços da escola, por meio de desenhos, material empírico analisado neste artigo.

Para a análise dos dados, fez-se uma aproximação com a técnica da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2021), o que nos permitiu examinar de forma aprofundada as informações transcritas, pois essa técnica aplica-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, visuais e de comunicação oral, como os extraídos dos momentos de conversas sobre os desenhos, os registros fotográficos, as filmagens nas rodas de conversa, gravadas em áudio, com a finalidade de uma análise/leitura crítica e aprofundada, levando à descrição e à interpretação dos materiais extraídos do campo, assim como, a inferências sobre suas condições de produção e de recepção. Do processo de análise desses materiais, emergiram as três categorias que sistematizam os resultados do estudo.

Por fim, é preciso colocar que o estudo seguiu princípios da ética no que se refere à pesquisa com seres humanos. Para isso, foram solicitadas as

assinaturas dos Termos de Anuência por parte dos representantes da rede municipal de ensino e da gestão da instituição escolar em que a investigação ocorreu. Além disso, os responsáveis pelas crianças assim como as professoras assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como o termo de autorização do uso das falas e dos desenhos das crianças. Destaca-se que, embora os responsáveis pelas crianças tenham dado o consentimento através do TCLE, as crianças também foram convidadas a participarem. As autorizações das mesmas foram dadas verbalmente e, também, observadas através de diferentes linguagens, durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Cabe ressaltar que, neste artigo, as crianças serão identificadas pelas letras iniciais dos seus nomes e da turma a que pertencem; já as professoras serão identificadas pelo nome da turma com a qual trabalham.

Categorias emergidas das análises dos desenhos

Nesta seção, os resultados da análise dos desenhos e dos demais instrumentos de pesquisa adotados são apresentados considerando as três categorias: a representação dos espaços por meio do desenho; a estética dos espaços; os desejos das crianças em relação ao espaço. Os aspectos observados são tematizados com base em estudos teóricos do campo da educação infantil e em trabalhos sobre desenhos de crianças.

A representação dos espaços por meio do desenho das crianças

O desenho é uma forma de comunicação que o ser humano utiliza para se expressar. Expressões essas já verificadas em relatos históricos desde os primórdios da nossa civilização. Pillar (2012) explica que na Educação Infantil o desenho também é usado com frequência pelas crianças para representar, simbolicamente, os pensamentos e as percepções do mundo à sua volta.

Para Derdyk (2010, p. 24), “o desenho, como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, com grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e expressão”. Com essa afirmação, entende-se os múltiplos usos que são atribuídos para o desenho em diversas áreas do conhecimento, evidenciando seu potencial para a comunicação. A mesma autora ainda nos diz que o desenho é uma

linguagem acessível a todos, desde as crianças até os adultos. É da natureza do sujeito ter uma forma particular de pronunciar uma ideia, uma imagem, um signo e, no caso da criança, enquanto desenha, ela passeia pelo imaginário. Nesse sentido, o desenho da criança pode trazer reflexos da sua imaginação em forma de imagem, sendo um instrumento pelo qual ela comunica o que deseja.

O desenho, então, constitui uma das diferentes linguagens que a criança tem para se expressar e manifestar sua capacidade de expor ideias, sonhos, vontades além de comunicar suas necessidades. A partir disso, durante a pesquisa, as professoras das turmas investigadas, após realizarem diferentes percursos com as crianças pela escola, desafiando-as a fotografarem os espaços, apresentando as fotos nas rodas de conversa e promovendo uma discussão sobre a percepção que elas tinham dos espaços, solicitaram que elas também desenhassem como gostariam que a escola fosse.

As três turmas investigadas reproduziram nos desenhos seus desejos de mudanças. Em face disso, as professoras apresentaram para as crianças o mesmo desafio: desenhar o que gostariam que fosse mudado na escola ou que fosse acrescentado, além do que a escola já possuía. Para isso, para as três turmas, foram oferecidas folhas de papel branco no formato A3, porém, cada turma optava por um material diferente para realizar os desenhos, dentre o giz de cera, a caneta hidrocolor ou o lápis de cor.

A Turma E usou o giz de cera o que, segundo o relato da professora, é um material que as crianças não usam frequentemente, conforme expôs: “Desafiei os alunos da turma a fazerem este trabalho usando primeiro o giz de cera, que é um material que a gente não ocupa muito seguido, a gente acaba ocupando mais canetinha e lápis de cor” (Diário das pesquisadoras).

Embora as crianças não escolham usar o giz de cera com frequência, trata-se de um material indicado para a idade das crianças da educação infantil devido a sua textura, cores, formato e tamanho, aspectos que contribuem para um traçado preciso e definido. A respeito do desafio que a professora lançou para as crianças, a de fazer uso de um material diferente, Lavelberg (2021, p. 43) afirma: “em geral, as crianças da Educação Infantil agem com vigor ao desenhar. Experimentam movimentos e materiais oferecidos sem medo,

fazendo-os variar por intermédio de suas ações”. Para a autora, as crianças não se intimidam ao experimentarem novos materiais ao desenharem; pelo contrário, elas se apropriam da novidade como forma de conhecerem novas possibilidades de exploração e de expressão.

A professora da turma E, além de desafiar as crianças a utilizarem um material não muito usado em sua rotina pedagógica, também propôs que as crianças fizessem o desenho em duplas: uma criança deveria conversar com a outra para definirem juntas como gostariam que fosse a escola. Sobre este aspecto, Lavelberg (2013, p. 42) afirma:

As atividades podem ser planejadas pelo professor para favorecer essa interação benéfica entre os pares, levando em consideração que delas devem decorrer à melhoria do desenho de cada criança, a expansão do repertório e o ganho de autonomia para desenhar.

Elaborar um desenho em duplas pode ser um ato produtivo porque uma criança pode expor à outra suas intenções e, assim, ambas ampliam suas percepções a partir das trocas de saberes, compartilham opiniões e interesses.

Segundo a professora da Turma E, algumas duplas realmente conversaram e decidiram o que seria desenhado, conforme relatou:

Percebi várias duplas de crianças realmente conversando, dialogando como poderia ser feito o desenho no momento em que foi proposto o desafio a elas.
Segue a transcrição de um áudio:
Professora: M., qual o espaço que tu tá desenhando?
Menino: Refeitório.
Professora: Já conversou com a tua dupla?
Menino: Não.
Professora: Hã?
Professora: Qual o espaço que vocês estão desenhando K.?
Menina: Biblioteca.
Professora: Biblioteca, muito bem.
(Diário das pesquisadoras)

Ao observar esse trecho da conversa da professora com as crianças, durante a realização do desenho, quando ela percebeu que nem todas as crianças estavam conversando com sua dupla para, juntas, planejarem o que seria desenhado, ou quando constatou o companheirismo e o compartilhamento de ideias entre outras, fica visível o papel do professor como mediador. Assim, podemos observar que, devido à idade das crianças, existe uma certa dificuldade de algumas desenvolverem um trabalho que exige um

planejamento compartilhado. Partindo desta reflexão, Lavelberg (2013 p. 42) aponta: “a forma como o professor interage nos momentos de interlocução entre os desenhistas é muito importante para que fique bem claro quais são as ações validadas e quais precisam ser evitadas.” Assim, a interação feita pela professora ajuda as crianças a lembrarem da proposta feita e do combinado de compartilhar as suas ideias por meio dos desenhos.

Já as Turmas C e D, partindo da pergunta disparadora: “Como você gostaria que fosse a escola?”, as crianças fizeram seus desenhos individualmente e usaram a canetinha hidrocor e o giz de cera, respectivamente, para expressarem graficamente seus desejos.

Os desenhos foram produzidos dentro de uma proposta em que as crianças tiveram que usar a imaginação para contemplar o comando dado para esse tipo de produção, que pode ser proposto pelo professor ou pelas crianças, com a finalidade do exercício da criação de imagens, sendo que, nesta proposta específica, de acordo com a questão disparadora, as crianças deveriam imaginar como elas gostariam que fosse o espaço da escola, levando em consideração o espaço que já existia na escola e tinham visitado com o objetivo de ativar suas memórias e pensarem como incluir seus desejos e anseios.

Nesse sentido, para Lavelberg (2021, p. 94), “o desenvolvimento da imaginação certamente será incorporado nas ações do desenhista [...]”. Dessa forma, por meio da proposta feita pela professora, torna-se possível para as crianças criarem imagens, por meio de seus desenhos, de novas formas de constituir o espaço da escola onde elas habitam.

Após as crianças concluírem seus desenhos nas diferentes turmas, as professoras recolheram os mesmos e, no dia seguinte, cada turma realizou uma roda de conversa, quando foi oportunizado às crianças discorrerem sobre as suas representações acerca do espaço escolar no qual se encontravam inseridas.

Em relação à roda de conversa, Lavelberg (2021) comenta que uma roda de leitura de desenhos de crianças é uma atividade produtiva para a aprendizagem, pois é a ocasião em que todas podem falar sobre o seu próprio trabalho, expondo suas ideias. Dessa forma, as crianças, além de

compartilharem suas produções com todos – no caso, seus colegas –, também falam sobre suas representações dos espaços escolares, além de ouvir as opiniões dos colegas a respeito da sua produção.

Ouvir as crianças e, ao mesmo tempo, observar seus desenhos pode ser um momento de aproximação das informações a respeito do que elas têm a nos dizer sobre o espaço, partindo do pressuposto de que as representações por desenhos, às vezes, não são dotadas apenas de sentidos visuais figurativos, apresentando também sentidos simbólicos. Nesse aspecto, a fala das crianças contribuirá para o entendimento do que foi pensado por elas.

De acordo com Sans (2014, p. 41), “a representação da imagem de um objeto depende dos padrões dos desenhistas e do propósito do seu desenho”. Para ele, mesmo o desenho de um adulto, por exemplo, de um círculo, pode representar uma cidade, uma figura humana ou um planeta, servindo para uma função melhor do que a sua real semelhança, atribuindo, assim, um significado que vai além de sua representação.

Diante do exposto, Iavelberg (2021, p. 137) considera “as narrativas das crianças sobre seus desenhos como expressão de ideias que, ao lado do desenho, expandem nossa compreensão da arte das infâncias”. Assim, é de suma importância ouvir o que as crianças têm a dizer sobre o que desenharam. Na fala da professora da Turma E, é possível observar como foi conduzido o início da roda de conversa para ouvir a apresentação dos desenhos:

Professora da Turma E: Muito bem, agora a gente se reuniu aqui, e vamos conversar sobre os desenhos que fizemos ontem. E a proposta do desenho era... fazer um desenho em?

Menino: Dupla.

Professora da Turma E: Duplas, usando o quê?

Menina: Giz de cera.

Professora da Turma E: Giz de cera. E qual era a pergunta que a prof. fez? Como que?

Menino: Como gostaria que fosse à escola.
(Diário das pesquisadoras)

Observa-se que a professora convida as crianças a participarem da roda de conversa por meio de perguntas que ativam suas memórias sobre o desenho que foi proposto para elas realizarem no dia anterior. Já a professora da Turma C questiona as crianças sobre o que desenharam, como podemos observar neste trecho de diálogo em sala de aula:

Professora da turma C: M. conta o que tu desenhaste a respeito do que gostarias que tivesse na escola.

M.: Um gatinho.

Professora da Turma C: Tu querias que tivesse um gatinho aqui na escola?

M.: Sim.

(Diário das pesquisadoras)

A respeito da forma como ela pergunta sobre o que a criança desenhou, Lavelberg (2021, p. 139) alerta para a importância de “deixar a criança narrar sobre o que fez, em resposta a um pedido para contar sobre seu desenho, sem perguntar o que é isso”. Dessa forma, evita a urgência de a criança ter que apresentar uma justificativa que seja fiel a forma que ela desenhou. Para a autora, é melhor que a professora peça para as crianças falarem sobre o que desenharam, como podemos observar em sua fala.

A forma como a professora da Turma C fez as perguntas, assim como as professoras das Turmas E e D também fizeram, permitiu às crianças se sentirem com maior liberdade para falarem de seus desenhos. Com base em Lavelberg (2021, p. 139), é possível afirmar que essa atitude das professoras vai ao encontro de uma proposta que “[...] não conduz a resposta orientada a alguma coisa representada e possibilita a emergência de mundos simbólicos visuais, associados aos narrativos com epicentro na criança, fora do viés adulto centrado”.

Nesse sentido, fica clara a necessidade de ouvir as crianças a partir de suas narrativas sobre seus desenhos, o que contribui para que as professoras façam uma leitura que realmente expresse as vozes de seus autores. Cabe destacar que a representação das crianças sobre o espaço da escola, por meio dos seus desenhos, foi uma forma válida e potente para ver e ouvir o que elas têm a dizer sobre como gostariam que fossem os espaços onde habitam.

A seguir, são apresentados os desenhos das crianças representando seus desejos de mudanças em relação à estética do espaço escolar.

A estética do espaço escolar

Entendendo o espaço da instituição de Educação Infantil como o lugar onde as crianças habitam por várias horas, diariamente, e, sendo, muitas

vezes, este o segundo ambiente fora do convívio familiar, é preciso que elas se sintam acolhidas nesses espaços. Para que haja um verdadeiro acolhimento das crianças e a incorporação das culturas da infância nos espaços escolares, acreditamos que é preciso ouvi-las. E uma das formas, conforme expomos, pode acontecer por meio da leitura de seus desenhos. Andrade (1975) coloca que é muito importante o desenho, a sua representação gráfica e a verbalização do que está sendo produzido para o desenvolvimento das aprendizagens. E assim foi durante a pesquisa: as crianças se comunicaram por meio de desenhos e falaram sobre o que expressaram, apresentando os seus interesses sobre suas vivências nos espaços da escola.

Foi possível observar que várias crianças trouxeram em seus desenhos elementos relacionados à estética dos espaços, expressando visões sobre as cores das paredes dos diversos espaços da escola, como o que observamos no desenho sobre o banheiro da escola.

Figura 1 – Desenho do banheiro



Autoria: crianças A e B, turma E.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Sobre o desenho representando o banheiro, as crianças explicaram que esse espaço precisava ter paredes coloridas com o teto preto, como apresentado na imagem 1. Elas demonstram que o branco das paredes não agrada visualmente e que as paredes coloridas como um arco-íris ficaria mais agradável para o ambiente.

Entretanto, não é só no banheiro que elas dizem necessitar de cores na composição das paredes; também em outros espaços, como na biblioteca, é preciso que as paredes tenham cores

Figura 2 – Desenho da biblioteca



Autoria: crianças L e I, da turma E.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

O desenho mostra o colorido que ganha destaque na parede e nas almofadas. As crianças também comentaram sobre a possibilidade de ter mais livros, de ter uma planta para decorar o espaço e de que as prateleiras de livros ficassem mais encostadas na parede para ter um espaço maior de circulação. Sobre esse aspecto, o Regimento das Escolas e Creches da Infância do Município de Reggio Emilia/Itália (Reggio Children, 2019) aponta que os espaços internos e externos das Instituições de Educação Infantil devem ser pensados e organizados de modo que estejam interconectados entre si, a fim de favorecer a interação, a autonomia, a curiosidade e a comunicação entre as crianças e os adultos.

A biblioteca foi abordada por outra dupla de crianças que também comentou sobre as cores quando a professora perguntou à dupla sobre como gostaria que fosse o espaço de leitura. Uma das crianças respondeu: “Eu fiz essa porta toda colorida”. As duas crianças ainda comentaram que gostariam que as paredes pudessem ser ilustradas com corações e um arco-íris, o que parece demonstrar certa necessidade de que as cores estejam mais presentes

nos espaços da instituição educativa, algo observável no desenho realizado (Figura 3).

Figura 3 – Biblioteca



Autoria: crianças M e J, da turma E.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

As crianças realçam as cores em seu desenho, com traços bem definidos, demarcando o colorido na porta e nas prateleiras de livros, além das ilustrações para compor as paredes. É possível observar uma harmonia entre as cores. Embora o desenho tenha sido feito por duas crianças, percebe-se que elas conversaram e planejaram a composição de cores e formas, demonstrando um desejo comum entre a dupla.

Além da questão estética da biblioteca, a dupla também abordou sobre a necessidade de se ter uma escada nesse espaço, a fim de facilitar o acesso aos livros que ficam na parte superior da prateleira. A escada pode ser localizada à direita da prateleira colorida. Essa mudança solicitada pelas crianças tem relação com ideias expostas no Regimento das Escolas e Creches da Infância do Município de Reggio Emilia/Itália (Reggio Children, 2019, p. 13): “O cuidado com a estética, com os objetos e os locais de atividade por parte das crianças e dos adultos são um ato educativo que gera bem estar psicológico, senso de familiaridade e pertencimento, gosto estético e prazer de habitar o local [...]”.

O refeitório foi outro espaço sobre o qual as crianças indicaram necessidade de mudanças estéticas. A dupla de crianças D e F estava de

acordo que a decoração, inicialmente pensada pelos adultos, precisava ser diferente; por isso, desenharam o refeitório com o teto amarelo e as paredes com vários adesivos com imagens de frutas e legumes e com um arco-íris, como é possível observar no desenho a seguir:

Figura 4 – Refeitório



Autoria: crianças D e F, da turma E.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

No desenho (Figura 4), fica em evidência o que as crianças gostariam de ter: um refeitório colorido e com pinturas, que elas chamaram de adesivos, o que entendemos ser figuras do tipo papel de parede, usado para decorar o espaço. Abordaram sobre a necessidade de o refeitório ter cadeiras, em vez de banquinhos, e também ter um relógio na parede, várias mesas pequenas em substituição da mesa grande que nele se encontra.

A sala de aula, de acordo com as crianças, também precisa incorporar elementos estéticos, como a pintura nas paredes, o que evidencia o próximo desenho (Figura 5).

Figura 5 – Sala de aula



Autoria: Crianças J e M, da turma E.

Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Observando o desenho e ouvindo o relato das crianças sobre o desenho que fizeram, fica claro o desejo de um espaço colorido com pinturas nas paredes, trazendo elementos como arco-íris, flores, sol, brinquedos e frutas. Também apontam a necessidade de a janela ser mais baixa, para que possam observar o espaço externo e o tempo, no sentido de acompanhar o que acontece do lado de fora das salas de aula, isto é, saber se chove, se faz sol, quem circula nesses espaços, entre outros aspectos. Relatam sobre a necessidade de se ter um tapete colorido no chão para que possam nele sentar durante os momentos de leitura. Nesse sentido, “o ambiente interage, modifica-se e ganha forma de acordo com os projetos e experiências de aprendizagem das crianças e dos adultos num constante diálogo entre arquitetura e pedagogia” (Reggio Children, 2019, p. 13).

Outra dupla, crianças A e M, também desenha a sala de aula e reforça a necessidade de se ter um tapete colorido no chão; porém, apontam a necessidade de uma melhor organização do espaço, dando destaque para a troca do lugar de alguns móveis, com a finalidade de deixar mais espaço para a circulação das crianças (Figura 6):

Figura 6 – Sala de aula



Autoria: crianças A e M, da turma E.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Uma das crianças da dupla comenta que a estante de jogos poderia ficar mais no canto da sala de aula para dar mais espaço para o tapete colorido. Observando o desenho, percebe-se que as crianças planejaram o espaço de forma que as mudanças são possíveis de serem feitas, realocando a estante de jogos mais para o canto da parede, abrindo espaço para a colocação do tapete. A disposição de tais elementos expressa a necessidade que elas tinham em comum e compartilhavam entre si durante a realização do desenho, momento em que conversavam e refletiam sobre uma nova forma de reestruturar o espaço.

Os espaços externos da escola também foram pensados e desenhados pelas crianças. Elas não relatam sobre a necessidade de transformações em termos de organização e estética. Mas, comentam a respeito da incorporação de elementos com os quais possuem contato em casa ou em espaços sociais. Sobre estes elementos, abordaremos na sequência.

O interesse infantil em relação aos elementos que compõem o espaço

Além da escola, as crianças convivem em outros espaços e, neles, encontram diferentes formas de vivenciar a infância. Assim, ao terem a oportunidade de serem ouvidas e de se expressarem livremente, por meio de desenhos, como elas gostariam que fosse a escola, aproveitaram para

incorporar elementos de outros espaços no ambiente escolar, não se limitando em desenhar somente o que já faz parte do contexto da escola.

Para Dubovik e Cippitelli (2018), os espaços devem conter elementos que possam desafiar as crianças a construir relações que as mobilizem a investigar, ativando os seus pensamentos, possibilitando-lhes conhecer e explorar o espaço por meio de todos os sentidos.

Nesse sentido, no desenho da criança M, da Turma C (Figura 7), quando a professora lhe pergunta sobre o que desenhou, ela relata que foi um gatinho e uma barraca porque gostaria que na escola tivesse um animal para as crianças cuidarem e uma barraca para brincar com seus amigos. Além disso, acrescentou, no desenho, um sol e crianças.

Figura 7 – Um gatinho e uma barraca



Autoria: criança M, da turma C.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Outra criança, da mesma turma, representou, em seu desenho, os brinquedos que tem na sua casa e que gostaria de ter na escola para poder brincar com os colegas (Figura 8).

Figura 8 – Brinquedos



Autoria: criança A, da turma C.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Ao apresentar o desenho para a professora, a criança A relatou que havia desenhado um ursinho de quebra-cabeça e algumas peças de Lego. Explicou que na escola tem peças de Lego, mas o quebra-cabeça só tem na sua casa. Assim, por meio do seu desenho, ela demonstra conhecer o que há de brinquedos na escola e expressa sua vontade sobre o que gostaria de ter na escola. Nesse aspecto, o desenho é uma maneira de identificar, no espaço escolar, elementos que remetem a sua cultura e a uma forma de como se sente acolhida.

Algumas crianças da turma E desenharam os espaços externos da escola, compreendidos como o pátio da frente e o pátio dos fundos da escola. As crianças L e N representaram, em seu desenho, o pátio da frente, com muitos elementos incorporados no espaço, como, por exemplo: animais e brinquedos. Na conversa sobre o desenho, expressaram o desejo de terem na escola um cachorro, uma toca para criarem coelhos e um rato, elementos estes representados em seus desenhos (Figura 9).

Figura 9 – O pátio da escola



Autoria: crianças L e M, da turma E.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Além dos animais, as crianças relataram que desenharam uma parede de escalada, um pula-pula, um tapete colorido, um brinquedo inflável e, ainda, flores. É possível observar que a dupla L e M gostaria de levar para o ambiente escolar brinquedos que não são muito comuns de se ter em escolas, como o pula-pula e a parede para escalar. Outra dupla, formada pelas crianças K e A, ao desenharem o pátio dos fundos da escola, manifestou o desejo de poder ter na escola brinquedos diferentes dos que já tem, como os apresentam em seu desenho (Figura 10).

Figura 10 – Brinquedos diferentes



Autoria: crianças K e A, da turma E.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Quando a professora da turma E perguntou para a dupla como gostaria que fosse o pátio dos fundos, as crianças pedem uma escada para subir em uma tirolesa, com freio, para não bater na casinha rosa; um trepa-trepa, na cor amarela; uma parede de escalada; um pula-pula; um banco e uma bola. É possível observar que a dupla projetou em seus desenhos brinquedos que não fazem parte do contexto da escola, como a tirolesa, o trepa-trepa amarelo, a parede de escalada, o pula-pula; porém, inserem elementos que já existem na escola, como a bola e o banco.

É possível perceber que as crianças gostariam que a escola ofertasse, além dos brinquedos já disponíveis, outros com os quais elas já tiveram contato, gostaram e poderiam ter acesso também no ambiente escolar. Dubovik e Cippitelli (2018, p. 34) afirmam que os espaços acabam explorando “os aspectos cognitivos, afetivos, simbólicos, imaginativos e expressivos” das crianças. Dessa forma, ao estarem sempre em contato com o espaço do pátio dos fundos da escola e imaginarem que naquele espaço seria possível ter outras possibilidades de brinquedos, as crianças projetaram em seus desenhos novas possibilidades de organização, com elementos diferentes para serem incorporados, e de acordo com as experiências vividas em outros lugares.

Ainda sobre o que se pode trazer para o espaço escolar como possibilidades para brincar, a criança N, da turma C, não retrata um espaço específico da escola, como também não desenha brinquedos que não fazem parte do contexto escolar; pelo contrário, ela desenha bonecas que já existem na escola, porém, seu anseio está relacionado à quantidade (Figura 11).

Figura 11 – Mais bonecas



Autoria: criança N, da turma C.
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Quando a professora da turma C lhe perguntou sobre o que tinha desenhado, a criança N explicou que foi uma Barbie, outra Barbie e outra Barbie... enfim, várias bonecas Barbie, pois na escola só tem uma e, ainda, fica na sala de outra professora. Com seu desenho, percebe-se o quanto ela gostaria que na escola tivesse mais bonecas Barbie para brincar.

Os relatos das crianças apresentados junto com os seus desenhos permitem condições para percebermos que “toda criança, como todo ser humano, é construtora ativa de saberes, competências e autonomia [...]” (Reggio Children, 2019, p. 11). E o agir como construtora só ocorre quando os espaços escolares instigam a criatividade, as incertezas e as curiosidades das crianças, assim como quando permitem que o aprendizado ocorra a partir de múltiplas dimensões: a estética, a emocional, a relacional, a lúdica e a espiritual.

Com base na análise dos desenhos, acreditamos que ao desenvolver práticas com intencionalidade pedagógica, fazendo uso da ludicidade e do desenho, temos oportunidade de conhecer e explorar os desejos e as necessidades das crianças acerca do mundo onde estão inseridas. Além disso, acessamos informações que oferecem insumos para projetar a organização do espaço educativo considerando os sentimentos e as emoções infantis, e, ainda, podemos entender que o espaço da instituição de educação infantil

precisa ser alvo de mudanças e de transformações projetadas a partir das vivências das crianças produzidas fora ou dentro do contexto escolar.

Considerações finais

Diante do que foi exposto, percebe-se que as crianças tiveram a oportunidade de relatar seu olhar sobre o espaço escolar que ocupam a partir dos desenhos realizados. A pesquisa mostrou o quanto é importante a participação infantil em diferentes contextos, neste caso, na escola de Educação Infantil. Nesse sentido, as crianças precisam ser ouvidas, pois elas têm vez e voz. Ouvi-las e acolher suas ideias reverberará em sua capacidade de participação, de ação crítica e autônoma, de tomada de decisões.

As falas das crianças expressam sua preocupação com o censo estético nos espaços escolares, estabelecendo uma relação entre as experiências do mundo familiar e social das crianças com o contexto escolar. Ouvir as percepções das crianças sobre os espaços favorece o seu acolhimento no dia a dia escolar, visto que, para elas, é como se a escola fosse uma extensão de sua casa.

Em síntese, com base na análise de desenhos feitos pelas crianças, diferentes aspectos sobre como as crianças percebem os espaços da escola de Educação Infantil foram explorados. De igual modo, a proposta das professoras de conversar sobre os desenhos feitos também oportunizou condições para que as crianças expressassem seus desejos e necessidades sobre os espaços que ocupam, potencializando o poder transformador infantil diante do mundo que o cerca.

Referências

ANDRADE, Mario de. Do desenho: In: ANDRADE, Mario de. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Martins, 1975. p.71-77.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2021. 281p.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. 4.ed. rev. ampl. Porto Alegre: Zouk, 2010. 160p.

DUBOVIK, Alejandra; CIPPITELLI, Alejandra. *Construção e Construtividade: materiais naturais e artificiais nos jogos de construção*. São Paulo: Phorte, 2018. 144p.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 112p.

IABELBERG, Rosa. *Desenho na Educação Infantil*. São Paulo: Melhoramentos, 2013. 144p.

IABELBERG, Rosa. *O desenho cultivado das crianças: prática e formação de educadores*. 3.ed. Porto Alegre: Zouk, 2021. 200p.

PILLAR, Analice Dutra. *Desenho e escrita como sistemas de representação*. 2.ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012. 248p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 288p.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011. 136p.

REGGIO CHILDREN. *Regimento Escolar e Creches da Infância do Município de Reggio Emilia*. 3.ed. Italia, Reggio Emilia, 2019. (Manuscrito).

SANS, Paulo de Tarso Cheida. *Pedagogia do desenho infantil*. 4.ed. Campinas: Átamo & Alínea, 2014. 114p.

Recebido em: 19/06/2023.

Aceito em: 12/11/2023.

Angelita Santa Rosa Baldani

Mestre em Ensino pela Univates/RS, com pesquisa sobre o Ensino de Arte na Educação Infantil e o desenho como produção artística. Pós graduada em Psicopedagogia e Língua Portuguesa. Graduada em Pedagogia, Letras Literatura e Artes Visuais. Atualmente é professora de Educação Básica I da Prefeitura Municipal de Ourinhos/SP, atuando como professora formadora e pesquisadora do Grupo de Estudo A representação do olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil.

 angelita.baldani@universo.univates.br

 <http://lattes.cnpq.br/2149488356216320>

 <https://orcid.org/0000-0001-8752-3039>

Jacqueline Silva da Silva

Possui graduação em Pedagogia pela UNISC (1993), mestrado em Educação pela PUCRS (1997) e doutorado em Educação pela UFRGS (2011). Atualmente é professora Titular da Universidade do Vale do Taquari – Univates, em Lajeado/RS. Atua nos cursos de Pedagogia, no Mestrado e Doutorado em Ensino e no Mestrado e Doutorado profissional em Ensino de Ciências Exatas. Têm experiência na área do Ensino e da Educação, com ênfase em Educação Infantil e nos seguintes temas: Educação, Processos de Ensinar e Aprender, Planejamento, Infância e Ludicidade.

 jacqueh@univates.br

 <http://lattes.cnpq.br/1507345723286610>

 <https://orcid.org/0000-0001-7199-4047>

Anne Heracléia de Brito e Silva

Mestre em Gestão Pública pela FEAD. Psicóloga Escolar no Educandário Cristo e na SEDUC/Piripiri. Docente da CHRISFAPI e doutoranda em Ensino pela Univates. Bolsista do PROSUC/CAPES e pesquisadora no Grupo de Estudo A representação do olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil.

 anne.silva2@universo.univates.br

 <http://lattes.cnpq.br/8514531178635380>


 <https://orcid.org/0000-0002-3414-8308>

Iasmin Pozzebon

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari/Univates, Lajeado/RS. Bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS.

 iasmin.pozzebon@universo.univates.br

 <http://lattes.cnpq.br/7365129015996160>

 <https://orcid.org/0000-0001-9147-3257>